

Apresentação

Estamos apresentando a você, caro leitor, o primeiro número de 2013 da *Letras*, revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Escolhemos como tema o *Museu da Língua Portuguesa e os modos de institucionalização sobre a língua*. A partir de um estudo de textos de referência em nosso campo disciplinar, selecionamos um grupo de pesquisadores que estão trabalhando não obrigatoriamente sobre o Museu da Língua Portuguesa, mas que desenvolvem, também, pesquisas e reflexões aprofundadas sobre os modos de institucionalização sobre a língua no e do Brasil e fora do contexto nacional. Os artigos aqui encontrados são imprescindíveis, e não poderíamos pensar na organização deste número sem que um texto de um desses autores não estivesse aqui publicado. Nosso objetivo foi constituir um lugar fundacional sobre as questões que estamos tratando nesta revista acadêmica do porte de Letras/UFSM.

Foram três as obras que nos ajudaram a propor tal tema. A primeira delas, fundadora, foi a obra da professora Lucília Maria Sousa Romão, da USP de Ribeirão Preto, intitulada *Exposição do Museu da Língua Portuguesa: arquivo e acontecimento e(m) discurso* e publicada no ano de 2011. Nela, por meio de visitas pessoais ao museu e a partir de saberes de algumas exposições que já estiveram em cartaz, a autora tenta nos aproximar de sentidos de Brasil, mobilizando o discurso sobre a língua como mote e designando-a, ela, a língua, como uma espécie de dobradiça (des)dobrável sob forma de arquivo. A segunda obra é a tese de doutorado de Larissa Montagner Cervo, intitulada *Língua, patrimônio nosso*, defendida em 2012 pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Nela, a autora vai nos mostrar um modo particular de interpretarmos a nossa própria significação sócio-histórica na/da/pela língua na análise de *slogan* do museu. Como afirma a autora, há nesse *slogan* “um saber sobre a língua, há a língua do outro, há a minha língua, há a nossa língua”. Há, portanto, o saber sobre a língua que nos interpela pela memória da língua e pela língua de nossa memória. Já o terceiro trabalho é a tese defendida em 2011 no Instituto de Estudos da Linguagem, na Unicamp, por José Simão da Silva Sobrinho, intitulada *A língua é o que nos une: língua, sujeito e Estado no Museu da Língua Portuguesa*. Em tal tese, o autor

busca compreender os efeitos de sentido do museu a partir das relações que este mantém com a história da língua no processo de formação política e social e de sua institucionalização no Brasil.

Para as três obras, falar de língua e de sua inscrição dentro de um museu é, no mínimo, tocar efeitos que enlaçam rememoração e patrimônio, o político e a língua em curso. Já para nós, tais obras nos interpelam a considerar discursos e sujeitos, lugares sociais e instituições de memória, o que ganha corpo com a institucionalização do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e com outras iniciativas que surgiram depois dele. Tomando tal mote como objeto e considerando que é a partir de discursos que se institucionalizam sentidos, *Letras*, número 46, como você verá, caro leitor, propõe uma série de reflexões sobre os modos de legitimação e de cristalização do que pode e deve ser dito sobre língua, promovendo tanto quanto possível um diálogo fecundo entre diferentes campos de saber, quais sejam, a análise do discurso francesa, a semântica, a enunciação, a sociolinguística, a história e os estudos sobre o patrimônio cultural musealizado na contemporaneidade.

Neste número, estamos inaugurando, também, um espaço para publicação de textualidades inéditas e debutamos com 22 páginas do romance autobiográfico *Parisphérique*, de Régine Robin, que será lançado em Paris, no mês de setembro próximo, pela Stock, fragmento esse gentilmente enviado pela autora para este número. Régine Robin é historiadora, linguista, socióloga (da literatura), crítica literária, tradutora, romancista, professora emérita da Université du Québec, Montréal, Canadá. Em Paris, fez parte do grupo fundador da Análise de Discurso, designada como de linha francesa, juntamente com Michel Pêcheux, Denise Maldidier, Jacques Guilhaumou, entre outros. Tem sua escrita/escritura pautada sobre a memória e a história na relação do sujeito com a língua e contribui, de forma ímpar, para o avanço da produção do conhecimento no disciplinar contemporâneo sobre a linguagem, não separando a ciência, da e sobre a língua, das outras formas de pensamento. Com Régine Robin, sobretudo, aprendemos que ciência e arte são inseparáveis para que nossa constituição enquanto sujeito do conhecimento possa se dar em sua plenitude racional. E, por ter sido uma das primeiras pesquisadoras/escritoras/leitoras a refletir sobre a monumentalização da língua, seu texto aqui publicado vem preencher mais um lugar de fundação daquilo que queremos construir com este número da *Letras*.

Gostaríamos, portanto, de agradecer a todos que puderam contribuir com esta história, afirmando que, certamente, todas essas textualidades constituirão a memória de um pensar sobre a língua, guardando uma história particular no mundo da linguagem ideologicamente posta pelo político da língua pela língua do Museu, museu da nossa vida na língua.

Boa leitura,

As organizadoras.